

*Fragmentos de uma
poética que não cala:
Osmar Pisani*

Sandra Makowiecky

Sandra Regina Ramalho e Oliveira¹

Este texto foi escrito em 2003, quando do passamento do Professor Pisani, um dos fundadores e grande entusiasta da criação de cursos superiores de arte em Santa Catarina, solicitado pela direção nacional da Associação Brasileira de Críticos de Arte/ABCA, para publicação no “Jornal da abca”.

Mas o que representou o professor Osmar Pisani para a cultura catarinense? A esta pergunta nos debruçamos, tentando fazer uma singela homenagem, tentando alinhar um texto bem ao estilo de Pisani com conversas, frases soltas, fragmentos.

Lembramos de um de seus últimos e-mails em que alertava para não esquecer de colocar os votos para a premiação da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ABCA - no correio, trocando ideias sobre possíveis indicações e contando que iria realizar uma cirurgia no dia 8 de março.

Lembramos ainda de não nos impressionarmos com a notícia da cirurgia, afinal, algo natural aos 70 anos. No dia 8 de março, por volta de meia-noite, recebemos outro e.mail, agora da presidente da ABCA, professora Elvira Vernaschi, com uma nota triste, comunicando o falecimento de Pisani, nosso colega e crítico de arte. No dia seguinte, procuradas a falar sobre nosso ex-professor e colega do Departamento de artes Plásticas da UDESC, nos ocorreu dizer que ele era “figura atuante na cultura catarinense, incentivador, divulgador com participação destacada como crítico de arte e literatura. Ele possuía alma jovem e gostava de estar rodeado de jovens. Tinha notável talento para descobrir e incentivar valores”.

Pisani foi nosso professor na UDESC, aulas com um professor pouco convencional, que falava sem parar de cultura, de arte, de poesia, de tudo que queríamos e precisávamos ouvir. Agora decorridos tantos anos, neste momento em que a cultura está em crise, jogada ao descaso, gerida por estranhos, no qual as pessoas que atuam neste universo precisam viver reivindicando reconhecimento, em que as políticas culturais são sempre relegadas aos segundos planos na prioridade dos governos, em tempos de barbárie e violência sem fim, a lembrança das aulas de Pisani nos faz viver novamente a esperança em tempos melhores. Em tempos em que de acordo com o historiador da arte Ernst Gombrich, a arte fazia parte da mobília mental das pessoas

¹ Duas discípulas, duas colegas, duas amigas; duas professoras de arte, duas professoras da UDESC, dois membros da ABCA apadrinhadas por ele; duas Sandras; dois estilos, unidas na admiração e respeito por Osmar Pisani.

civilizadas. Pisani certamente também era deste tempo.

Voltando à correspondência eletrônica, nos deparamos com um mais um e.mail dele, este sem resposta. No e.mail ele apontava um erro no texto de uma de nós, uma palavra a mais, em um texto que fora escrito para o Congresso da AICA/Associação Internacional de Críticos de Arte, que vai ocorrer em São Paulo. Após submetê-lo, para ouvir sua opinião, ele fazia suas considerações e garantia: “estarei lá para aplaudi-la!”.

Como falar de Osmar Pisani? Nada de obituário elogioso... títulos de livros publicados; nem mesmo o nome do prêmio nacional que recebeu ano passado, da ABCA/Associação Brasileira de Críticos de Arte, processo no qual votam todos os associados espalhados pelo país, escolhendo um entre três autoridades no assunto indicadas por seus méritos (embora tenha se sentido muito honrado com o prêmio, quando o recebeu; mas agora, não é a hora!)! Nem dos temas que abordou em décadas de artigos em jornal; nem das milhares de aulas que ministrou... Nada disso: ele odiaria, pois era contra tudo que era convencional, esperado, previsível... E nada mais convencional do que um necrológio...

Falar de Osmar Pisani, só em fragmentos, para poder dar cortes na continuidade da narrativa de uma vida em toda a sua inteireza; da vida de um ser coerente com seu tempo, com suas crenças, com seu passado, com a cidade e o Estado.

Um vanguardista comportado... um anarquista construtivo...

Pioneiro na crítica de arte no Estado, ele não a exerceu de modo ferino e demolidor, como alguns; suas palavras apontavam equívocos e indicavam caminhos. E mesmo suas palavras mais fortes eram dirigidas naquela melodia que entremeava sílabas longas e curtas, sons altos e baixos, cheia de interrogações e exclamações, a qual não poderia, nunca, ofender a alguém.

Com Aníbal Nunes Pires e Dimas Rosa, fundou a habilitação Artes Plásticas do Curso de Educação Artística da UDESC, embrião do que é o CEART, o Centro de Artes, hoje com sete cursos de graduação e três de Mestrado. Naquela época, na década de setenta, ministrou aulas, dirigiu *Antígona*, a tragédia grega; e teve paciência para organizar exposições com trabalhos dos principiantes, mesmo com vasinhos de flores...

Ainda nessa época, impunha-se um estilo arquitetônico na

cidade: o neo-colonial, ou neo-barroco brasileiro, ou “colonioso”. Telhas em forma de goivas, aberturas em arcos, “rosáceas”, vitrais (lembram?). Pois ele agarrou-se ao argumento de que era kitsch. E tanto bateu nisso, que o estilo acabou sucumbindo.

Como professor, seu método de ensino era dialogado, indutivo (só mais tarde, estudando o assunto, pude identificá-lo como um representante da Escola Humanista, conforme preconizado por Carl Rogers). Nada de apresentar idéias prontas, nada de autoritarismo (mesmo nos anos 60 e 70), nada de *magister dixit*.

Nos anos oitenta, foi inaugurada uma galeria de arte (que depois se tornou provisória) no hall da Reitoria da UDESC. Depois de montada a coletiva de professores, chega Pisani com sua obra. E logo foi pedindo uma cadeira. “De que tipo?”, perguntei eu. “Uma cadeira qualquer”, respondeu ele. Então, colocou sobre a cadeira uma folha de papel em branco e, sobre o papel, uma pesada pedra. Só; era sua obra, a qual ainda hoje suscitaria uma interessante discussão, ainda mais se considerarmos como e onde foi apresentada.

Uma vida profícua de textos, textos poéticos, textos de crítica, textos de arte e - talvez - o mais importante, uma vida generosa, cheia de textos orais, dos quais não sobraram registros, mas surtiram efeito: palavras de estímulo, de orientação e de crítica.

Palavras que não se calam...